

Vozes jesuíticas contra Darwin (1871-1901)

Augusto de Carvalho Mendes¹

Resumo:

A teoria da evolução de Charles Darwin, conhecido naturalista inglês, provocou um grande impacto no mundo intelectual do século XIX. Não que não houvessem outras teorias evolutivas – os séculos XVIII e XIX estão repletos delas – mas, certamente, foi com Charles Darwin que uma concepção evolucionária da vida se tornou dominante entre os naturalistas e nos meios intelectuais, de forma geral. A penetração popular do darwinismo variou bastante conforme o país. Um dos mais atingidos por essa concepção da natureza foi a Alemanha, pátria Ernst Haeckel e August Weismann, dentre tantos outros grandes maiores divulgadores de Darwin.

Sendo a Alemanha o país no qual o darwinismo teve uma divulgação mais profunda, foi também onde surgiu uma reação mais abrangente e determinada. Essa reação se manifestou de modo muito marcante na atuação de diversos membros da Companhia de Jesus, que analisaram o evolucionismo darwinista sob os mais variados ângulos e o consideraram nas suas mais multifacetadas implicações.

Grande parte desse esforço crítico está consignado nas páginas da principal publicação jesuítica daquele país, a revista *Stimmen aus Maria Laach*. Pretendemos analisar essa publicação nos seus primeiros trinta anos (1871-1901), visando verificar qual é o espaço dedicado à crítica ao evolucionismo, quais são os principais temas abordados e qual é quais são os fatores sociais, científicos e eclesiásticos que poderiam ajudar na compreensão dessa abordagem crítica.

Palavras- chave: darwinismo, ciência e religião, jesuítas e ciência.

1 - Introdução

Diversas vezes na história os católicos foram obrigados a realizar aquela instrução de São Pedro: “Estejais prontos para dar a razão de vossa esperança a todo aquele que lhe pedir” (I Pd 3,15). Nos primeiros séculos essas razões poderiam ser colhidas na tradição, nos livros sagrados e na filosofia, visto que boa parte das polêmicas se dava contra diversos grupos que se pretendiam cristãos. Com o passar do tempo, novos desafios surgiram aos que procuravam justificar sua crença na fé cristã. Já no século XIII, Santo Tomás de Aquino se via na situação de defender sua fé frente os muçulmanos apenas com argumentos filosóficos, já que eles não compartilhavam de sua crença que a Bíblia consignava verdades reveladas por Deus. A situação daqueles que se propunham a defender a fé católica se tornou ainda mais complexa no século XIX. Agora o cristianismo não deferia se justificar frente outro credo religioso com alguns

¹ Mestre em Literatura, pós-graduando em Ciências da Religião pela PUC-Minas. E-mail: avgvstv@yahoo.com.br

pontos comuns ou diante de entendimentos mais ou menos corretos da mensagem de Cristo. Os novos adversários do catolicismo atacavam todos os seus pressupostos e doutrinas.

Nesse século de tão grande progresso material, o catolicismo se viu obrigado a tratar com os mais diversos opositores. Além dos já conhecidos adversários religiosos, viu despontar diversos filósofos que negavam a possibilidade de existir milagres, exegetas que reduziam os livros bíblicos à simples registros de uma mentalidade semítica primitiva, cientistas sociais que tentavam explicar a religião tirando-a do céu transcendente e arremessando-a para a imanência de algum fenômeno social, psicólogos que viam nos fenômenos religiosos nada mais que patologias mentais mais ou menos elaboradas e, finalmente, muitos cientistas naturais que pretendiam minar a religião, especialmente a cristã, destruindo algumas de suas crenças basilares. Dentre esses últimos, Charles Darwin adquire especial importância devido sua teoria da evolução das espécies.

Sua teoria evolucionista, publicada em 1859 no livro *The Origins of Species* e estendida ao ser humano em *The Descent of Man and Selection in Relation to Sex* de 1871 e em *The Expression of the Emotions in Man and Animals* do ano seguinte, teve grande papel no questionamento da religião. Esse questionamento se deu de mais de uma forma e atingiu não só diversos aspectos secundários, mas também alguns princípios da concepção religiosa.

Darwin afirmava que as espécies vivas não foram criadas individualmente por Deus, mas que elas tinham se desenvolvido a partir de outras espécies ao longo de milhares e milhares de anos. Até aí, tal pensamento não era grande novidade nos círculos cultos. A força de Darwin foi colher provas aparentemente convincentes de sua hipótese como outros evolucionistas como Goethe e Lamarck ainda não tinham feito. No campo cristão, é evidentemente que uma teoria como a de Darwin levaria muitos a questionarem a narrativa da criação do mundo presente no Livro do Gênesis, bem como a proporem novas interpretações dessas passagens da Escritura.

Mas o maior problema residia em outro ponto: Darwin propunha um novo mecanismo que explicaria essa transformação de um ser em outro, tal mecanismo, a seleção natural através da luta pela sobrevivência, foi entendido como radicalmente contrário a uma concepção religiosa do mundo porque negava absolutamente qualquer planejamento e, conseqüentemente, qualquer propósito na existência dos seres vivos. Essa visão é irremediavelmente contrária ao entendimento cristão da natureza, pois o

cristianismo entende o mundo como uma criatura, mantida e direcionada a um fim por Deus. Como conciliar a criação, sustentação e destinação do mundo por Deus com a seleção natural? Parece impossível, visto ser esse um mecanismo cego que, através de mudanças aleatoriamente surgidas nos seres vivos, leva à extinção de seres menos adaptados ao meio ambiente e à perpetuação dos seres mais adaptados. Como diria um conhecido pensador alemão, Darwin é anti-teológico porque é anti-teleológico. (OTTO, 1907, p.140)

Estendida ao homem, a teoria darwinista mostra-se ainda mais incompatível com as crenças professadas pelos católicos. Darwin afirma que o homem nada mais é que um animal com algumas qualidades mais desenvolvidas do que outros animais. Não se trata de um ser qualitativamente diferente dos demais animais, não se trata de um ser com alma imortal especialmente criado por Deus, mas apenas um animal mais desenvolvido.

Darwin é, portanto, radicalmente reducionista. Reduz o homem ao animal e nega a existência de uma alma imortal, afirma que todas as operações do espírito são redutíveis a processos psíquicos e estas a reações automáticas herdadas dos antepassados animais.

O pensamento de Darwin ganhou enorme prestígio em diversos países, mas talvez nem mesmo em sua terra natal foi tão divulgado quanto na Alemanha. Nesse país, Darwin encontrou rapidamente diversos seguidores e defensores. August Weismann e Ernst Haeckel se destacam como os mais ardorosos apóstolos do darwinismo em terras germânicas. Através da influência desses dois biólogos e de diversos outros de menor destaque, o darwinismo foi conhecido não apenas por especialistas, mas também por pessoas medianamente estudadas. Com Haeckel o darwinismo ganhou ares muito mais belicosos do que aqueles que tinha na pena do naturalista inglês. O historiador Robert J. Richards, autor do estudo mais recente sobre Haeckel, afirma que boa parte da polêmica entre o evolucionismo e as concepções religiosas se deve ao ardor combativo do naturalista alemão e seus inúmeros livros populares. (RICHARDS, 2009, p.344)

Além de adversários científicos, os católicos alemães tiveram que enfrentar um grande desafio nas últimas décadas do século XIX. Trata-se do *Kulturkampf* promovido por Otto von Bismarck na Prússia e copiado em outros territórios germânicos. O *Kulturkampf* foi um amplo movimento de perseguição à Igreja Católica operado pelo Estado prussiano. Visando aumentar os poderes do Estado, e se aproveitando de certo sentimento anti-católico já existente, Bismarck implementou uma série de leis e regulamentos para enfraquecer ou mesmo extirpar o catolicismo da Prússia. A expulsão

de ordens religiosas, o fechamento de escolas católicas e a prisão de Bispos foram apenas algumas das diversas medidas nesse sentido. (CORRIGAN, 1946, p.215-224)

2 – *Stimmen aus Maria Laach* em números

É nesse cenário nada otimista para a Igreja Católica na Alemanha que surge o periódico *Stimmen aus Maria Laach*. Idealizado pelos jesuítas Florian Riess e Gerhard Schneemann, a revista teve uma espécie de primeiro número em 1865, mas passou a ser publicada trimestralmente, e a ganhar maior relevo, somente no ano de 1871. Nascida com o intuito de ser uma força entre os meios intelectuais católicos, a revista estava firmemente ancorada nos debates contemporâneos. É considerada por Raymond Corrigan a melhor fonte de informação contemporânea ao *Kulturkampf* e, também, o principal veículo católico de combate a essa política oficial. (CORRIGAN, 1946, p.215)

É aqui que se insere nossa pesquisa. Visando formar uma compreensão da recepção do evolucionismo darwinista no meio católico alemão, acreditamos que estudar a revista *Stimmen aus Maria Laach* seria de grande proveito. Analisando todos os números dessa revista publicados entre 1871 e 1901, abrangendo, portanto, todos os volumes lançados no século XIX, pudemos obter diversos dados e formular algumas comparações.

Nesse período, foram publicados 1103 artigos originais, não contanto breves notas de pesquisa e resenhas. Com esse expressivo número de artigos, a revista *Stimmen aus Maria Laach* pôde abordar as mais diversas questões, algumas de importância perene para intelectuais cristãos, outras bastante condicionadas pelo clima social e intelectual da época. Descontando certa imprecisão inerente à quase toda classificação, poderíamos agrupar os muitos artigos publicados em alguns grandes temas, a saber, Teologia católica, História da Igreja, outras religiões, temas sociais, Literatura e artes, Assuntos científicos, Filosofia, Exegese e Pedagogia. É certo que muitos artigos poderiam ser colocados em mais de uma categoria e que certas categorias são muito abrangentes. Apesar disso, acreditamos que essa contagem e classificação dos artigos apresenta alguns dados quantitativos que mostram a importância da ciência e do evolucionismo para esses jesuítas.

Segundo nossa contagem, dos 1103 artigos, 160 são dedicados a assuntos científicos, o que representa algo em torno de 15% de todos os artigos publicados. O número não parece tão expressivo, mas ganha vulto se notarmos que se trata de uma

revista religiosa e que assuntos tão essenciais para o catolicismo como Teologia e Filosofia são abordados em quantidade muito inferior, perfazendo 84 artigos teológicos (7,5% das publicações) e 32 filosóficos (2,9% das publicações). Um dos assuntos de maior destaque, a História da Igreja Católica, computa 172 artigos, pouco mais do que os dedicados aos assuntos científicos. Os campos científicos abrangidos por esses artigos é bastante vasto, comporta estudos sobre o sistema solar, as estrelas, metalurgia, eletricidade, Geologia e Química, dentre outros campos. Contudo, o evolucionismo biológico é o tema de maior destaque, representando mais de 75% dos artigos científicos, pois conta com algo em torno de 100 publicações. Artigos exegéticos que também tratam de assuntos conexos ao evolucionismo (interpretação do Livro do Gênesis, a conciliação da história bíblica com os conhecimentos modernos) também merecem destaque, sendo mais de 30 e compondo algo por volta de 2,8% das publicações totais.

Somando tudo, podemos ver que algo em torno de 200 artigos são dedicados aos problemas relativos à origem dos seres vivos e do homem, o que representa cerca de um quinto de todos os artigos da revista *Stimmen aus Maria Laach*.

3 – A posição dos principais colaboradores

Tendo em vista o número expressivo de colaborações versando sobre o evolucionismo darwinista e os assuntos correlatos, acreditamos que é produtivo explorar um pouco mais as idéias expressadas no periódico em análise. É necessário considerar que os colaboradores de *Stimmen aus Maria Laach*, em boa medida, foram intelectuais do mais alto nível, detentores de prestígio internacional. Sendo assim, o estudo da posição de alguns deles parece ser bem justificado.

Dentre os filósofos, certamente o destaque cabe à **Tilman Pesch** (1836-1899). Esse grande erudito jesuíta se dedicou à questão do evolucionismo no quadro da filosofia da natureza. Seguiu o movimento de seu correligionário Joseph Kleutgen para a renovação da filosofia escolástica, mas com uma abertura muito maior às ciências naturais. A natureza e as ciências naturais foram assuntos bastante estudados por esse filósofo jesuíta, isso pode ser visto pela listagem de suas obras, que comporta, dentre outros estudos, uma *Psychologie* em três volumes, dois extensos tratados de Filosofia da Natureza e um livro sobre Kant e seu impacto na investigação científica moderna. Esse

vivo interesse e conhecimento na ciência teve profundo impacto em seus alunos, com especial destaque para Erich Wasmann, do qual falaremos.

Nos artigos publicados em *Stimmen aus Maria Laach*, Tilmann Pesch afirma que o evolucionismo não é um problema maior, desde que não negue a finalidade no mundo natural. Nesse sentido, o filósofo jesuíta vai firmemente contra Charles Darwin e, especialmente, seus seguidores alemães. Para defender sua posição, Pesch apresenta diversos estudos, alguns mais históricos expondo como a causa final foi tratada na filosofia escolástica, outros mais sistemáticos, mostrando como aqueles princípios da filosofia medieval podem ser aplicados ainda hoje aos dados colhidos na moderna investigação científica.

Ainda entre os filósofos, não se pode deixar de comentar as contribuições de **Victor Cathrein** (1845-1931), pensador ainda estudado na Europa, cujas obras passam por reedição. Esse jesuíta suíço se ocupou durante toda a sua vida do estudo da ética, seus fundamentos e suas aplicações. Assim, difícil seria não se confrontar com o darwinismo, especialmente o de Herbert Spencer, que pretendia reduzir todos os comportamentos morais a meras elaborações dos primitivos instintos animais. Seus artigos em *Stimmen aus Maria Laach* pretendiam restaurar os fundamentos da ética a partir do tomismo e demarcar a clara distinção entre o comportamento humano e o comportamento animal, algo que seria fundamentado, segundo o jesuíta, na profunda diferença entre a natureza espiritual do homem e a natureza simplesmente material dos animais.

No campo propriamente biológico, a figura de **Erich Wasmann** se destaca facilmente. Nascido em 1859 na pequena cidade de Meran, Áustria, fruto da união de dois protestantes convertidos ao catolicismo, Wasmann entrou com apenas dezesseis anos para o noviciado jesuíta em Limburg, Holanda. Paralelamente aos estudos próprios da formação religiosa, que no seu caso era dada aos moldes de São Tomás, Erich Wasmann cultivou um profundo apreço pelo estudo da natureza. Ainda muito jovem se tornou um especialista em insetos, publicando com apenas 24 anos de idade um livro sobre um besouro (*Rhynchites betulae*) e suas incríveis obras de engenharia. Analisando a perfeição do ninho construído por esse inseto, ficou claro para Wasmann que a capacidade construtiva de muitos seres vivos simplesmente ultrapassa suas potências naturais, sendo um sinal claro, aos seus olhos, de um planejamento divino do comportamento dos animais. (RICHARDS, 2009, p.361) Erich Wasmann publicou diversos livros e artigos em *Stimmen aus Maria Laach*, bem como em revistas

especializadas em Biologia como *Biologisches Zentralblatt*. Tornou-se conhecido como o maior especialista no estudo das formigas em todo o mundo e polemizou com vários darwinistas ao longo de sua carreira. Boa parte dos seus artigos publicados na revista jesuítica visava demonstrar empiricamente que não há continuidade entre o instinto animal e a inteligência humana e que, portanto, ela faz do homem um ser diverso no conjunto da natureza. Em artigos publicados na primeira década do século XX, Wasmann chegará a defender uma teoria evolucionista não-darwinista, baseada na cooperação entre espécies. (RICHARDS, 2009, p.363)

Os exegetas aparecem com igual destaque nas páginas de *Stimmen aus Maria Laach*. Sem dúvida, dois merecem especial menção: Joseph Knabenbauer e Franz von Hummelauer.

Joseph Knabenbauer (1839-1911) é autor de comentários bíblicos que abrangem diversos livros do Antigo e do Novo Testamento, sendo um dos principais contribuidores do *Cursus Sacrae Scripturae* publicado por Lethielleux, obra tão elogiada pelo Papa Leão XIII. Na sua obra exegética, cabe destaque ao seu estudo sobre o profeta Isaias, no qual defendeu uma posição que buscava demonstrar não somente a unidade de redação desse livro bíblico, mas também a validade de muitas interpretações patrísticas e medievais.

Essa posição, que poderia ser considerada conservadora para um exegeta profissional, contrasta com sua atitude frente o evolucionismo. No seu entender, a integral aceitação do relato bíblico do Gênesis não excluiria a possibilidade de uma evolução das espécies. Ou, em outros termos, é possível manter a fé católica e ser um evolucionista, mas não um darwinista *stricto sensus*. Em um dos seus artigos, Knabenbauer afirma explicitamente que o único artigo de fé contido no relato bíblico da criação é o que afirma que o mundo não é obra do acaso ou de si mesmo, mas é uma criatura que deve sua existência ao poder de Deus. Afirma claramente que o relato bíblico não exclui a possibilidade de uma criação por evolução e que tal hipótese deve ser explorada pelos cientistas. Mais uma vez, é possível notar que a oposição religiosa não é ao evolucionismo em si, mas ao darwinismo e sua visão mecanicista e anti-teleológica do mundo.

Franz von Hummelauer (1842-1914) também foi um exegeta de renome. Nascido em Vienna em 1842, entrou para o noviciado dos jesuítas em 1860, sendo ordenado doze anos depois. Dedicou toda sua vida ao estudo dos textos bíblicos, sendo reconhecido como um dos maiores exegetas de seu tempo. Nesse sentido, foi nomeado

Consultor da Pontifícia Comissão Bíblica em 1903 e redigiu oito volumes do *Cursus Sacrae Scripturae*. Assumindo uma posição considerada por alguns como avançada para a época, Hummelauer distinguia diversos gêneros literários na Bíblia e defendia que a interpretação correta dos textos sagrados deve levar em consideração esses diferentes gêneros.

Nos seus artigos publicados em *Stimmen aus Maria Laach*, Franz von Hummelauer procurou defender a validade do relato bíblico sobre a criação perante diversos críticos, utilizando não apenas conhecimentos exegéticos, mas um profundo estudo da história de outras civilizações e da Geologia. Evidentemente, a maior divulgação de uma teoria evolucionista do homem implicou num trabalho de revisão do que se entendia como os primórdios da história humana. Franz von Hummelauer se opunha ao concordismo, tendência exegética de fazer o texto bíblico concordar com as descobertas científicas, porque acreditava que os concordistas entravam frequentemente em contradição e estavam sempre mudando suas posições, conforme mudava o entendimento da ciência natural sobre o mundo. Sua visão dos primeiros capítulos do Gênese como uma espécie de revelação dada a Adão – algo análogo ao Apocalipse de São João – não encontrou grande acolhida. Mesmo assim, deve ser lembrado seu esforço em estabelecer até onde o texto bíblico iluminava a realidade histórica e onde as descobertas científicas de então deveriam ser acatadas. Assim, procurou determinar qual seria a idade do aparecimento do homem segundo a Geologia, em qual local teria surgido o primeiro homem, como viveriam no último período glacial e no terciário.

Como os outros, Hummelauer não era darwinista, mas não negava que a história humana tinha uma duração bem maior do que alguns supunham e estava pronto para aceitar as descobertas científicas de seu tempo.

Após essas breves palavras sobre os dois exegetas mais destacados de *Stimmen aus Maria Laach*, nos parece justo discordar da opinião de Jean Lacouture (1993, p.350) de que esses jesuítas formariam com Karl Joseph Rudolph Cornely um triunvirato de exegetas alheios a todo movimento intelectual de seu tempo, fechados a qualquer novo conhecimento e prontos a condenar qualquer discordante.

Assim como outros pensadores estudados, eles nos parecem homens de ciência, com suas falhas e com seus acertos, mas firmemente empenhados em obter conhecimentos da realidade natural, sem abdicar de sua fé.

4 – Conclusão

Considerando em conjunto, a resposta dada pelos jesuítas alemães é bastante abrangente. Exegetas procuraram defender a validade do relato bíblico sobre a criação perante diversos críticos, utilizando, para tanto, não apenas conhecimentos exegeticos, como também informações sobre o mundo natural.

Filósofos pretenderam demonstrar que o caráter teleológico da natureza, embasando-se tanto na filosofia escolástica, quanto na ciência contemporânea. Biólogos demonstraram empiricamente esse caráter teleológico da natureza, especialmente no estudo dos insetos. Físicos e Químicos, todos jesuítas, trabalharam no sentido de refutar a redução da vida aos elementos materiais.

Vimos que a defesa do princípio da finalidade é constante em todos estudiosos. Realmente, muito mais do que uma questão de literalidade da narrativa bíblica ou de um embate entre a concepção fixista dos seres vivos e a concepção evolucionista, o que historicamente foi considerado mais relevante foi a manutenção da teleologia no entendimento da natureza. Uma visão católica do mundo dificilmente seria compatível com uma visão que negue a finalidade na natureza. Tudo que existe foi criado com um fim próprio. Negar isso levaria a considerar que o mundo tem um fim em si mesmo ou que ele não tem fim nenhum, sendo algo sem propósito, sem razão de ser. Duas posições adversas ao entendimento católico. Segundo Rudolf Otto, conhecido cientista da religião e teólogo luterano, a finalidade é um pressuposto de qualquer concepção religiosa do mundo. A firme defesa desse princípio feita pelas jesuítas alemães do fim do século XIX, poderia confirmar esse pensamento de Otto.

Outro aspecto importante a ser considerado é que os opositores do darwinismo reunidos em torno de *Stimmen aus Maria Laach* eram intelectuais de primeiro plano, reconhecidos internacionalmente. As respostas que deram ao evolucionismo darwinista, se hoje estão em diversos pontos ultrapassadas, não nos parecem dignas de consideração meramente histórica. Ainda hoje, são cheias de questionamentos e descobertas que contribuiriam para uma compreensão mais abrangente e realista da natureza. Mas são vozes esquecidas, e isso é uma questão muito interessante. Por que vozes muitas vezes tão lúcidas e bem ouvidas hoje jazem silenciadas pelo esquecimento? Esperamos dar uma resposta no futuro próximo.

Referências

CORRIGAN, Raymond. **A Igreja e o Século XIX**. Rio de Janeiro, AGIR, 1946.

LACOUTURE, Jean. **Os jesuítas, volume II: O regresso**. Trad. de Ana Moura.

Lisboa: Estampa, 1993.

OTTO, Rudolf. **Naturalism and Religion**. New York: G. P. Putnam's Sons, 1907.

RICHARDS, Robert J. **The Tragic Sense of Life: Ernst Haeckel and the Struggle over Evolutionary Thought**. Chicago, Chicago University Press, 2009.

STIMMEN AUS MARIA LAACH: Katholische Monatschrift. Freiburg im Breisgau, Herdersche Verlagshandlung. V.01-61, 1871-1901.